

# Do outro lado da linha do trem: História e intervenções no bairro Lagoinha<sup>1</sup>

Cíntia Mirlene Pela Freire\*

## Resumo

Este artigo analisa o bairro Lagoinha, que está localizado na região pericentral de Belo Horizonte. O objetivo do mesmo é discutir o processo de isolamento que o bairro vem assumindo ao longo do tempo, numa dicotomia de proximidade e distância: próximo do centro, mas ao mesmo tempo distante, pela dificuldade de acesso. A hipótese é de que, no seu processo de conformação, em área próxima à linha férrea, isso atuou como atrativo mas, de outro modo, constituiu uma relação negativa, à qual se somam inúmeras intervenções que o isolaram do restante da cidade. Para tal, foi feita uma pesquisa qualitativa na qual, em um primeiro momento, foram realizadas entrevistas com os moradores, e, em um segundo momento, foram aplicados questionários. Como ponto de partida, será abordada a história do bairro, trazendo suas transformações e dinâmicas. Em seguida discutir-se-á a situação de isolamento advinda das intervenções urbanas que suprimem seus espaços e engendram questões sociais complexas para seus moradores, além de outros fatores que contribuíram para tal isolamento, tais como a existência de cemitério, do Ribeirão Arrudas, delegacia e avenidas.

**Palavras Chave:** Bairro Lagoinha; Linha férrea; Intervenções urbanas; Isolamento; Modos de vida.

Muitas cidades tiveram sua gênese à beira da linha do trem por ser porta de entrada das mesmas, pela facilidade de abastecimento e de chegada de pessoas nessas localidades, e assim vão se adensando, formando seus bairros e criando seu estoque urbano no espaço da cidade. No entanto, a ferrovia traz consigo um elemento fragmentador do espaço, desagregando certas localidades do contexto citadino.

No sentido norte e nordeste do Ribeirão Arrudas, os bairros Lagoinha e Floresta desenvolveram-se como um prolongamento da área da estação, à direita do Ribeirão Arrudas, o de Santa Efigênia foi induzido em seu crescimento pela instalação do quartel da Brigada Policial. (GONZAGA, 1999; TEIXEIRA, 1996). Parto do pressuposto de que, em um primeiro momento, a proximidade com a linha do trem se constituiu como

---

<sup>1</sup> Este texto é resultado parcial da dissertação de mestrado defendida em 2009, no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas. Nele encontram-se os resultados da pesquisa intitulada “Bairros históricos de Belo Horizonte: patrimônio cultural e modos de vida”.

\* Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

atrativo, em outro, numa relação negativa, à qual se somam a existência do Ribeirão Arrudas, Avenida do Contorno e, posteriormente, a construção do complexo viário em substituição à chamada Praça Vaz de Melo, colocando-o em posição de isolamento em comparação ao centro da cidade, em uma relação de proximidade e distância. Próximo do centro, mas ao mesmo tempo distante pela dificuldade de acesso em função do complexo viário erguido e, que, aos poucos, vai engolindo o bairro Lagoinha, objeto de estudo deste artigo.

Alguns estudos de cidades e bairros nos inspiram a respeito de seu processo histórico e dinâmico, ao longo do tempo. São casos que detém algumas semelhanças com a Lagoinha e que nos possibilita refletir sobre o significado de bairros igualmente importantes para a história de suas cidades e que, no entanto, encontram-se “fragilizados” com as transformações impostas pelo crescimento eminente das cidades e/ou se vêem “preteridos” pelo poder público. Nesse sentido citemos o caso do bairro Vila Industrial, na cidade de Campinas estudado por Rubino (2006), onde a autora relata o processo de isolamento do bairro em relação à cidade, em função de sua conformação do outro lado da linha do trem, da falta de melhorias e dos significados nele atribuídos.

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo discutir o processo de isolamento que o bairro Lagoinha vem assumindo ao longo do tempo, numa dicotomia de proximidade e distância. Em um primeiro momento, por ter sido conformado em área próxima à linha férrea; em um segundo, pelo isolamento provocado por intervenções urbanas.

A primeira parte do texto trará a história do bairro, abordando suas transformações e dinâmicas. A segunda discutirá a questão da situação de isolamento advinda das intervenções urbanas e de outros fatores que contribuíram para isto, tais como a existência de cemitério, delegacia e avenidas, e, por último, as considerações finais sobre a pesquisa. Os dados ora apresentados foram coletados por meio da aplicação de 30 questionários aos moradores do bairro.

### **História e dinâmica do bairro Lagoinha**

O bairro Lagoinha nasceu junto à planejada cidade de Belo Horizonte, no final do século XIX. Teve como principais habitantes imigrantes italianos, portugueses, turcos, espanhóis, migrantes do interior de Minas Gerais e de outros estados brasileiros. Famílias como os Trotta, Gramiscelli, Abramo, Vaz de Melo, Abuid, Bonome,

Scalabrini, Scotelaro, Vanucci, Brandão, Barreto, Scarpelli, Rocco, Pirolli, Campolina, Varela, Andrade, Lapertosa, Nappo, Marchetti, Silveira, Carabetti, Diniz, Thibau e muitas outras fixaram residência no bairro. Alguns integrantes dessas famílias são idosos e ainda permanecem no bairro, como os da linhagem Brandão, Abuid, Scotelaro, Gramiscelli, Marchetti, Rocco, Varela e Campolina.

Alguns escritos demonstram que os primeiros sinais de ocupação do bairro remontam ao antigo Curral Del Rey, datado do início da ocupação territorial da região de Minas Gerais. Classificada como área suburbana – fora dos limites da Avenida do Contorno, que demarcavam o cinturão urbano, embora em área contígua à urbana –, foi sempre um típico bairro de periferia, hoje qualificada de área pericentral, tendo sido habitado pelos trabalhadores encarregados da construção da cidade. Nasceu a partir das colônias agrícolas Carlos Prates e Américo Werneck, que foram incorporadas formalmente à zona suburbana de Belo Horizonte, nas décadas de 1910 e 1920. (AGUIAR, 2006; LEMOS, 1996; MACHADO; PEREIRA, 1997).

A área pericentral registra a história da imigração para a metrópole em construção e a reivindicação de serviços urbanos. Aparentemente é o espaço apropriado para as classes médias e de exclusão progressiva das camadas de menor renda, que permanecem apenas nas porções mais afastadas. Sua importância regional é crescente, graças à substituição do uso residencial pelo comercial e de serviços ao longo das vias arteriais. A partir dos anos 80, começa a perder população em termos absolutos, embora apresente a mais alta densidade demográfica da RMBH<sup>2</sup> e intensifique sua verticalização a partir dos anos 90. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007, p. 27).

O que se pode apreender sobre a área é que, embora a região pericentral tenha uma história de intensificação da verticalização a partir da década de 1990, isso não aconteceu na Lagoinha, que vem perdendo população e notadamente há ausência de renovação. Disso, resulta uma Lagoinha decadente, com suas edificações descaracterizadas e paisagem fragmentada por conta das intervenções urbanas; e ao mesmo tempo preservada em função do “abandono”, imputado pelo poder público, abandono no sentido de que muitas edificações mantêm as características arquitetônicas do início de sua conformação, bem como alguns antiquários e comércio de móveis usados, marca identitária do bairro.

---

<sup>2</sup> Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Localizado na região Noroeste de Belo Horizonte, mais precisamente na VI Seção Suburbana, constam registros de que as primeiras construções no bairro Lagoinha se deram na chamada Esplanada da Lagoinha, junto à lagoa de mesmo nome.

Surgiu com a Lei das Vilas Operárias de 1918, (Lei nº 178), implementadas ao longo da gestão do prefeito Vaz de Melo, na década de 1920, em algumas áreas da Zona Suburbana da capital, cujos terrenos pertenciam à Prefeitura (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1919).

A prefeitura tem se sentido impotente para impedir que seus terrenos, de vários pontos da cidade, sejam ocupados por cafuas e barracões construídos clandestinamente pela pobreza da cidade. Torna-se, pois, indispensável a criação de Villas Proletárias onde serão definitivamente localizados esses ocupantes actuaes de lotes. [...] Grande parte da 6 secção suburbana (Lagoinha) está ocupada por habitações provisórias, construídas sem licença da prefeitura. (PREFEITURA DE BELLO HORIZONTE, 1922, p. 51).

Com a criação das Vilas Operárias, por parte da municipalidade, percebe-se a regularização de vários núcleos na área suburbana, tais como as ex-colônias Adalberto Ferraz, que originaram o bairro Cruzeiro e parte do Mangabeiras; a Vila Concórdia, bairro Concórdia; a colônia Afonso Pena deu origem a parte do bairro Santo Antônio e Coração de Jesus; a colônia Bias Fortes, que originou parte do bairro Santa Efigênia; o bairro Carlos Prates, que conserva o nome da colônia, e Américo Werneck, que originou o bairro Floresta. As duas últimas colônias, Carlos Prates e Américo Werneck, ao que tudo indica, possibilitaram o processo de formação do bairro Lagoinha, pela proximidade e relação entre elas. Mesmo com essa relação e pelo fato de o bairro Lagoinha ter seu processo de ocupação concomitante ao da capital e com a criação das vilas operárias, não foi possível perceber nos documentos consultados uma data de fundação do bairro tal como aconteceu, por exemplo, com o bairro Concórdia, 1918 – embora se tenha o conhecimento da data de incorporação das antigas colônias à área suburbana da cidade, 1910 e 1920. (AGUIAR, 2006; BARRETO, 1995; LEMOS, 1996; PREFEITURA DE BELLO HORIZONTE, 1919; RIBEIRO, 2008). Tais dados demonstram o crescimento da cidade vindo da periferia para o centro, e não o contrário, como previa o plano de Aarão Reis. Isso nos leva a pensar que o processo de ocupação da Lagoinha se deu pela localização – lindeira ao núcleo central, às margens do Ribeirão Arrudas e da linha férrea – e induzido pela municipalidade.

Em seis de agosto de 1898, foram instalados os dois primeiros núcleos suburbanos, o Córrego da Mata e o Carlos Prates, que foram ainda planejados durante o mandato do presidente de Estado Bias Fortes.

O Ribeirão Arrudas separava a colônia Carlos Prates em duas porções distintas. Na porção norte, os lotes se prolongavam por um monte, divisor de águas entre o Córrego do Pastinho e o Ribeirão Arrudas. Os lotes coloniais se estendiam pela encosta norte do Vale do Pastinho, até atingir a Rua Jaguari, próximo do Cemitério Municipal – Bonfim – limite do núcleo agrícola com a VI seção suburbana, pertencente à parte inaugurada pela Comissão Construtora da Nova Capital.<sup>2</sup> (AGUIAR, 2006; PANORAMA, 1997). A Figura 1 corresponde ao mapa da antiga Colônia Carlos Prates, com seta indicando entrada para o bairro pela Praça Vaz de Melo.

**Figura 1: Mapa da Colônia Carlos Prates**



Fonte: PANORAMA DE BELO HORIZONTE, 1997.

Para Gonzaga (1999), com a sua localização entre a zona rural e a urbana e a proximidade com a parte agrícola do Carlos Prates, a Lagoinha desempenhava o papel de porta de abastecimento da cidade. Nesse contexto, surge o primeiro mercado

---

<sup>2</sup> O Córrego do Pastinho está hoje canalizado, sob a Avenida Pedro II.

municipal na área contígua ao bairro, na Praça 14 de Fevereiro, atual Praça Rio Branco, responsável por favorecer o aumento da população vizinha. O mercado ocupava dois pavilhões metálicos, montados entre 1899 e 1900 na atual Praça Rio Branco, onde, hoje, está localizada a Estação Rodoviária. Os dois pavilhões foram demolidos por volta da década de 1920, e o mercado transferido para o local do atual Mercado Central, na Avenida Augusto de Lima, em 1929. (AGUIAR, 2006).

Em 1898, foi aprovado o Código de Posturas de Belo Horizonte, estabelecendo critérios de urbanização entre a zona urbana e as demais. Por volta de 1906, a fim de concretizar essa organização do espaço, o governo autorizou a construção de vilas de aluguel barato na Rua Bonfim, imprimindo ao lugar as marcas de espaço da população de baixa renda na cidade.

Feitas as ligeiras modificações na lei n. 178, já lembradas no relatório de 1920 à página 52, e ainda a substituição das palavras *foreiro* por *adquirente*, *aforamento* por *venda* etc; poderá a prefeitura criar em terreno que possue, denominado “Pasto da Prefeitura”, uma grande Villa Proletária. Em terrenos de sua propriedade situados atrás do Cemitério Municipal, fez a prefeitura, cerca de 300 lotes que serão cedidos nas condições que ficarem definitivamente assentadas para as Villas Proletárias. Grande parte da 6 secção suburbana (Lagoinha) está ocupada por habitações provisórias, construídas sem licença da prefeitura. (PREFEITURA DE BELLO HORIZONTE, 1922, p. 51).

A municipalidade tinha a intenção de resolver os problemas da habitação o mais rápido possível, porque aumentava a ocupação clandestina dos terrenos da prefeitura. Os terrenos deveriam ser vendidos a preços módicos, a fim de não gerar mais prejuízos à prefeitura com as invasões de lotes.

Na década de 1920, a Lagoinha passa a abrigar os trabalhadores desempregados, em função da crise econômica que assolou a cidade na época. Além disso, o bairro já tinha uma fama de abrigar trabalhadores da construção civil, de ofícios ligados à construção de instrumentos musicais e alfaiates. A boemia já era conhecida e, associada à prostituição, foram as causas do estigma lançado ao bairro. (PEDERSOLI, 1992).

Gonzaga (1999) assinala que os obstáculos para alojar a população crescente na capital foram percebidos na constituição das primeiras favelas na cidade, em um sentido segregacionista dos administradores. Por volta de 1920, foi ocupada a Vila Senhor dos Passos, no limite norte da região, na porção compreendida entre as ruas Além Paraíba (próximo à Praça 15 de Junho), Alexandre Stockler, Turvo, Fagundes Varela e Pedro Lessa.

O cenário urbano do bairro, nessa época, já vinha sofrendo com a transformação da Praça, entre outros lugares da cidade. A região era testemunha do abandono dos dirigentes para com a área suburbana, como a ausência de planejamento, infraestrutura, arborização e ruas estreitas. A iluminação e o transporte chegaram ao bairro em 1909 e a rede de água, por volta de 1930, em substituição aos chafarizes, embora existisse, desde 1915, um reservatório em construção.

Nas décadas de 1910 e 1920, com a inauguração do ramal férreo ligando Belo Horizonte a Divinópolis, a oeste, surgiram os estabelecimentos comerciais da Rua Itapecerica, ligados a gêneros alimentícios, roupas e outros artigos de primeira necessidade. Com o plano rodoviário da capital, que a transformaria em um pólo centralizador da economia mineira e porta de entrada da cidade, o mercado atacadista foi levado para a região da Avenida Santos Dumont, devido à demanda de outras cidades mineiras. Contudo, por volta de 1924 e 1925, os problemas de abastecimento alimentício na cidade persistiram, com a escassez e o aumento dos preços.

Em 1921, à zona suburbana foi incorporada a rural, e os princípios que regiam a área urbana foram lançados às demais zonas, com reflexos na Lagoinha, de uma sequência de transformações políticas, administrativas e, sobretudo, no sistema viário, que persistem até os dias atuais.

Alguns acontecimentos foram emblemáticos para a história e evolução urbana do bairro. Em 1933, foi inaugurado o Aeroporto da Pampulha, e o acesso a toda região adjacente a ele era feito pela Lagoinha, na chamada "Estrada Velha da Pampulha", que recebeu calçamento em 1937, na administração de Otacílio Negrão de Lima. Onde é hoje a Estação Rodoviária, existia o Mercado Municipal, e, em 1934, foi erguida a "Feira Permanente de Amostras".<sup>3</sup> Nessa década, era constatada a carência de espaços verdes e de lazer para a população nas áreas suburbanas, que, por sinal, viam nos espaços supracitados lugares de lazer e sociabilidade. Especificamente, a Feira Permanente de Amostras era tida como um obstáculo na área que compreendia a Avenida Afonso Pena e a Avenida Contorno e, portanto, teve de ser demolida, no ano de 1964. (PEDERSOLI, 1992).

Ao que tudo indica, as demolições parecem representar um meio utilizado pelas elites no poder para permanência da situação de ordenamento da área urbana.

---

<sup>3</sup> Hoje o acervo de pedras da feira encontra-se no Museu de Mineralogia Professor Djalma Guimarães, instalado no prédio "Rainha da Sucata", na Praça da Liberdade.

Demoliam-se tanto as moradias consideradas moralmente condenáveis, quanto as insalubres, subsistindo a conexão das ideias de imoralidade e desordem.

A construção do Túnel Lagoinha-Concórdia, ou Túnel Souza Lima, iniciou-se em 1948 e foi concluída em 1971, com vistas a solucionar o problema do trânsito na região, sobretudo para ligar o centro de Belo Horizonte à região nordeste da cidade, desafogando os viadutos do bairro Floresta e Santa Tereza. A construção do complexo viário foi concluída na década de 1980, do Terminal Rodoviário, na década de 1970, e a do trem metropolitano, em 1986. (MACHADO; PEREIRA, 1997; PEDERSOLI, 1992). Nessa época, foi construída apenas a entrada do túnel, que partiria da Rua Mauá – hoje Avenida Nossa Senhora de Fátima – e o local ficou abandonado, tornando-se refúgio de malandros e ponto de prostituição. A obra só foi retomada por volta de 1959 a 1963, na administração do prefeito Amintas de Barros (GONZAGA, 1999). A partir dessa época, inicia-se o processo de descaracterização do bairro.

Em 1949, o Estado, com intuito de dar continuidade aos incentivos às feiras livres, instituiu a Feira dos Produtores na Lagoinha, na Avenida Pedro II, que cumpria a função social de encontro da população. Posteriormente, foi transferida para o bairro Cidade Nova, para dar início à construção do metrô. Em face disso, houve inúmeras desapropriações de terrenos lindeiros à Praça Vaz de Melo.

Naquele momento, a Lagoinha exercia o papel de subcentro, fortalecido como corredor de passagem para bairros distantes, gerando uma região comercial que se dividiria em direção aos bairros Santo André, Bonfim, Cachoeirinha, São João Batista, Conjunto IAPI e Caiçara. As atividades comerciais apresentavam uma tendência atacadista, pela existência de um centro de abastecimento, nas imediações da Avenida Santos Dumont. Contudo, o bairro, nas pessoas de seus moradores, continuou a ser marginalizado como espaço residencial das classes menos favorecidas.

Com a crise de abastecimento na cidade, na década de 1950, foi construído pela BEPREM (Beneficência da Prefeitura Municipal) o “Supermercado Popular Municipal”, o chamado “Mercado Popular da Lagoinha”. O mercado foi inaugurado em 1951. Em 1988, ele foi desativado, e uma reforma iniciou-se em 1995, com o “Projeto Lagoinha”. Em julho de 1997, foi reaberto como espaço de lazer e encontro para a população com um comércio variado – galeria de arte, lanchonete, banca de revista, restaurante tailandês, loja de biscoito, loja de artesanato, feira de hortifrutigranjeiros, comida típica e palco para *shows*.

Logo no início de sua reinauguração, o mercado funcionou por algum tempo com um comércio variado e com restaurantes, para que a população se apropriasse dele. Atualmente, nele está instalado uma padaria-escola, uma cozinha experimental, uma unidade do Pró-jovem – Programa Nacional de Inclusão de Jovens, que visa a capacitação profissional de jovens com idade entre 18 e 24 anos e é realizado com os recursos do governo federal e municipal –, uma biblioteca comunitária e um restaurante popular (área externa). Trata-se de importante equipamento no bairro e que perde o seu papel por não ser apropriado efetivamente pelos moradores.

Os estudos sobre o bairro Lagoinha, referenciados neste trabalho por Gonzaga (1999); Lemos (1996); Machado e Pereira (1997); Pedersoli (1992); Rugani (1996); e Teixeira (1996) revelam que o mesmo vem perdendo espaço ao longo do tempo e que não tem despertado interesse por parte do mercado imobiliário, tampouco houve renovação. A cada nova legislação municipal, a Lagoinha perde uma porção de seu território. A própria característica de bairro pericentral é marcada pela existência de determinadas vias de acesso ou por obstáculos naturais, como é o caso do Ribeirão Arrudas; pela implantação de grandes equipamentos, como o complexo viário e ferroviário, quase sempre dispostos fora dos limites da área central.

A topografia da região é ruim, com alguns trechos planos de declividade suave, situados ao divisor de águas das bacias do Onça e do Arrudas(...). Os bairros São Cristóvão, Bonfim, Santo André, Lagoinha, Bom Jesus, Nova Esperança e Nova Cachoeirinha, principalmente aqueles situados na faixa lindeira à Avenida Antônio Carlos, em toda a extensão do limite leste da região, são de ocupação antiga, estagnada, com população decrescente, com pequeno decréscimo no número de domicílios e processo de mudança de uso ainda imperceptível. (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE, 1995, p. 94-95).

O zoneamento referente ao bairro, descrito no Anexo II da Lei de Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo,<sup>4</sup> é denominado ZAR-2 (Zona de Adensamento Restrito), que se refere a “[...] regiões em que as condições de infra-estrutura e as topográficas ou de articulação viária exigem restrição da ocupação”. As Zar’s são regiões onde a ocupação é desestimulada, seja por infraestrutura inexistente/deficiente, seja por questões ligadas à articulação viária e suas condições topográficas (BELO HORIZONTE, 1996).

Em seu Art. 88, a Legislação de Parcelamento Ocupação e Uso do Solo trata a Lagoinha como área de importância cultural e econômica para a cidade e destina a ela

---

<sup>4</sup> Legislação de Parcelamento Uso e Ocupação do solo da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Lei nº 7.166, de 27 de agosto de 1996.

proteção como patrimônio cultural, incluindo a preservação da paisagem urbana. O desenvolvimento econômico deve, portanto, privilegiar as atividades tradicionais no bairro e estimular outras compatíveis com as existentes, prevendo estímulos por incentivos fiscais. Contudo, em seu parágrafo terceiro, a lei considera que os projetos de urbanização necessários para as áreas degradadas ou subutilizadas podem ser realizados por meio de operações urbanas.

Nesse sentido, cabe ressaltar as Áreas de Diretrizes Especiais (ADE's), criadas como instrumento de proteção, cujo objetivo é resguardar áreas de importância cultural, ambiental, social, físico-paisagística e econômica da cidade, que deverá pautar suas ações no âmbito do patrimônio cultural, de acordo com os parâmetros urbanísticos da Lei de Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo, Lei nº 7.166 de 27 de agosto de 1996. Ao todo são 16 ADE's, sendo que a Lagoinha é ADE 12 e ainda não foi regulamentada.<sup>5</sup>

Em 1995, com vistas a garantir à Lagoinha sobrevivência, no espaço da cidade como bairro importante para a história de Belo Horizonte, foi implantado o Projeto Lagoinha, sob a gestão do prefeito Patrus Ananias, a partir de estudos do Inventário do Patrimônio Urbano e Cultural de Belo Horizonte (IPUCBH), realizados pela Secretaria Municipal de Cultura. A Pesquisa das atividades econômicas da Lagoinha, realizada pela Secretaria Municipal de Indústria e Comércio, e a pesquisa “Cenários da Lagoinha”, desenvolvida pela Secretaria Municipal de Planejamento, mostraram-se complementares à ação.

O projeto surge a partir da ótica da “Reabilitação integrada”, tendo por base o inventário do patrimônio urbano e cultural de Belo Horizonte, que possibilitou identificar áreas de consolidação e renovação do bairro, levando em consideração a vocação econômica do bairro de comércio e serviços de autopeças, loja de móveis usados e antiquários (GONZAGA, 1999; MACHADO; PEREIRA, 1997; MORAES; GOULART, 2002; RUGANI, 1996).

A área de abrangência desse projeto se estende da Avenida Pedro II aos bairros Bonfim, Lagoinha, até a Rua Diamantina, parte do Santo André e parte do São Cristóvão. Tal projeto visava a revitalização da região a partir das edificações que se

---

<sup>5</sup> São 16 ADE's, a saber: 1. Interesse Ambiental; 2. Bacia da Pampulha; 3. Pampulha; 4. Estoril; 5. Mangabeiras/Belvedere; 6. Belvedere III; 7. São Bento; 8. Cidade Jardim; 9. Savassi; 10. Venda Nova; 11. Santa Tereza/Serra; 12. Lagoinha; 13. Residencial Central; 14. Vale do Arrudas; 15. Hospitalar; 16. Trevo. Sobre a ADE, ver também Dossiê de tombamento conjunto residencial IAPI – São Cristóvão. Disponível na Diretoria de Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (DIPC).

encontravam em péssimo estado de conservação com: a pintura de alguns imóveis; a revitalização do Mercado Popular da Lagoinha; a conclusão da construção do elevador A; o tratamento da alça do novo viaduto da Praça Vaz de Melo; a recuperação das Praças 15 de Junho, Bonfim e Agostinho Martini; a recuperação da Rua Itapeçerica; e o inventário das edificações existentes . (GONZAGA, 1999; RUGANI, 1996). Dessa iniciativa, foi entregue à população o Mercado Popular da Lagoinha revitalizado, a Praça Vaz de Melo e o viaduto finalizado. Ainda, o Projeto Sopro da Lagoinha, com o objetivo de resgatar um pouco a identidade do bairro em relação à música, também não teve continuidade.

A associação de moradores do bairro foi criada nessa mesma época, com vistas a viabilizar as ações do referido projeto. Com isso, de acordo com um morador, conseguiram poucas melhorias para o bairro, tais como policiamento comunitário, posto de saúde e transporte. Diz ainda que, em vista do que era, está melhor, mas longe do idealizado pelos moradores. A associação funcionou até por volta de 2000, não tendo continuidade por falta de engajamento, de tempo e disponibilidade dos próprios moradores, conforme o depoimento de um deles.

Em virtude das restrições contidas na lei, percebe-se que o bairro, desde seu nascimento, constituiu-se como transgressor dos ideais racionalistas dos construtores da cidade planejada e saneada, e, sobretudo, pelos administradores que lhe sucederam. A partir da década de 1930, quando se anunciou a abertura de uma avenida sanitária – a Antônio Carlos – a Lagoinha tem vivido sob a ameaça constante das grandes intervenções viárias, consequência de sua localização e topografia acidentada. (RUGANI, 1996). Tais intervenções, como a construção de avenidas e viadutos, conferiu-lhe uma característica de corredor de passagem da região norte-sul.

A Lagoinha é um bairro de limites dispersos, confrontando com os bairros Bonfim, Carlos Prates, Santo André, Colégio Batista e Centro da cidade. Ela abriga uma das favelas mais antigas de Belo Horizonte, a Pedreira Prado Lopes, grande responsável pela situação de violência engendrada no bairro, por conta do tráfico de drogas, conforme disseram os moradores entrevistados. Esses bairros têm nas Avenidas Pedro II, Antônio Carlos e Tereza Cristina suas principais articulações viárias e de acesso ao Centro da cidade, além dos complexos rodoviários e ferroviários internos à área. Tais bairros, hoje, abrigam estratos médios e têm sua história de ocupação de origem operária e de surgimento concomitante ao do município de Belo Horizonte.

Com as entrevistas sobre os limites do bairro, pode-se aferir que, de maneira geral, os moradores consideram que ele inicia na Praça Vaz de Melo, passa pela Avenida Pedro II, termina no conjunto IAPI e na Praça 15 de Junho, formando, simbolicamente, um triângulo com o vértice na Praça Vaz de Melo. O bairro que mais se identifica e se confunde com a Lagoinha é o Bonfim, por sua história, e igualmente estigmatizado como local da boemia e prostituição. Desse cenário, subsistem os locais de prostituição.

A área pericentral, como dito anteriormente, começa a perder população em termos absolutos, a partir dos anos 1980, e intensifica sua verticalização, a partir dos anos 1990. O bairro sofreu e continua sofrendo intervenções viárias, sem garantia, contudo, de uma mudança nos usos residenciais. O cemitério, a favela, o Conjunto IAPI e as intervenções viárias revelaram-se fatores estruturantes muito sólidos para ocupação dessa região. Além disso, “[...] nem mesmo a presença de centros universitários nos anos mais recentes asseguraram a participação de moradias para estratos superiores de renda.”. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007, p. 312).

A Lagoinha é bem situada na malha urbana de Belo Horizonte, no entanto, o bairro não passou por mudanças significativas nas últimas décadas do século passado, em relação ao padrão socioeconômico dos moradores, bem como no padrão de moradias. No bairro, ainda é possível encontrar parte da população que remonta a sua origem, embora já envelhecida, e com a presença de filhos e netos residindo no bairro, como se pode aferir com as entrevistas – embora, boa parte dos familiares de antigos moradores tenha migrado para outros bairros da cidade, considerados por eles como “lugar melhor”. Esse “lugar melhor” é sempre referenciado em oposição ao estigma da boemia, prostituição, estagnação e violência. Essa representação vem acompanhada, de forma ambígua, do sentimento de pertencimento ao lugar da tradição e da afetividade.

Na pesquisa de campo, percebeu-se a verticalização presente nas imediações do bairro Floresta e Colégio Batista. A verticalização mais expressiva na Lagoinha, considerando o recorte espacial da pesquisa – imediações da Igreja Nossa Senhora da Conceição à Praça 15 de Junho – pode ser observada no Edifício Paulete (Figura 2) – construído em 1972 –, localizado na Rua Jequeri (Figura 3), entre as ruas Além Paraíba e Itapecerica, cujo número de pavimentos é de 5 andares, divididos em 3 blocos, com 184 apartamentos. Com as entrevistas pode-se aferir que a maioria dos moradores entrevistados considera positivamente a construção de prédios no bairro por julgar que isso valoriza o lugar.

**Figura 2: Edifício Paulete**



Fonte: FREIRE, 2009.

**Figura 3: Rua Jequeri (Bairro Lagoinha)**



Fonte: FREIRE, 2009.

É importante destacar que, na pesquisa realizada por Machado e Pereira (1997), foram identificadas atividades comerciais, de infraestrutura e serviços insuficientes para atender à demanda dos moradores, tais como a oferta de supermercados, padarias, transporte coletivo, policiamento e limpeza urbana. Na investigação de Freire (2009), as mesmas deficiências foram relatadas pelos moradores, somadas a questões mais complexas, advindas das intervenções e demolições e do “descaso” com o bairro, por parte da municipalidade, que vê nesse lugar um local para obras. Os usos e apropriações do espaço público também se modificaram. Se na década de 1990 os moradores frequentavam, por exemplo, a Praça 15 de Junho e a Praça Vaz de Melo, hoje estes locais são considerados impraticáveis pelo aumento da violência gerada pelo tráfico de drogas e por terem se transformado em lugar de trânsito.

O comércio de móveis usados e antiquários, marca identitária do bairro, vem assumindo novos formatos. Do início da pesquisa, 2007 até final de 2008, tínhamos esse

comércio preservado. Ao retornar para nova pesquisa no bairro, em 2009/2010, percebe-se uma substituição da tipologia de comércio de móveis. Alguns antiquários tradicionais na Rua Itapecerica, deixaram de existir para dar lugar ao comércio de móveis novos e populares e loja de material de construção.

Apesar de todas as contradições da Lagoinha, a religiosidade dos moradores e a centralidade da Igreja Nossa Senhora da Conceição permanecem como forte tradição no bairro, sobretudo pela festa de sua padroeira, comemorada no dia 8 de dezembro, embora seja um bairro que convive com religiosidades diversas (umbanda, igreja evangélica e ortodoxa). No mesmo período de pesquisa, de 2007 a 2010, foi desativada a Igreja Pentecostal Varões de Guerra, na Rua Itapecerica, que, segundo os moradores, era antiga no bairro. Ao contrário, a Igreja Síria Ortodoxa e o terreiro de Umbanda mantêm-se no mesmo lugar.

Para finalizar, a tabela (TABELA 1) abaixo apresenta uma descrição do bairro em termos de população, condições de ocupação e tipos de domicílio do bairro Lagoinha, a partir do censo de 2000, do IBGE.

**TABELA 1**  
**Total da população, total, tipos e condição**  
**de ocupação dos domicílios do bairro Lagoinha – 2000**

<b>Variáveis</b>	<b>2000</b>
Total da população	8.689
Total de domicílios	2.478
Domicílios particulares permanentes	2.393
Domicílios particulares permanentes/tipo: casa	1.120
Domicílios particulares permanentes/tipo: apartamento	1.144
Domicílios particulares permanentes/tipo: cômodo	129
Domicílios particulares permanentes/condição de ocupação: próprio quitado	1.189
Domicílios particulares permanentes/condição de ocupação: alugado	876

Fonte: adaptado de INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000.

Por meio dos dados do Censo do IBGE, de 2000, foi possível aferir algumas características que o bairro vem assumindo. A Lagoinha abriga 8.689 habitantes e 2.478 domicílios. Desses, 96,56% (2.393) são domicílios particulares permanentes. Dos 2.393 domicílios particulares permanentes, 46,80% (1.120) são casas; 47,80% (1.144) são

apartamentos, número significativo sob o aspecto vertical do bairro, em função do edifício Paulete (figura 01); 5,39% dos domicílios (129) são do tipo cômodo. Os domicílios particulares permanentes, em condição de ocupação “alugado”, representam 73,67% (876), número expressivo, considerando os domicílios particulares permanentes, em condição de ocupação “próprio quitado”, que totalizam 1189 (TABELA 1).

Esta pesquisa revelou que os moradores entrevistados em condição de moradia própria são maioria (20), em contraposição à moradia de aluguel que somam 11, num total de 30 entrevistas realizadas. Tais dados se justificam pelo perfil dos entrevistados, na faixa etária de 60 a 70 anos e de 75 anos ou mais, maioria entrevistada no bairro pela disponibilidade de tempo e permanência na residência. Soma-se a isso o tempo de residência na casa e, conseqüentemente, no bairro, mais de 20 (vinte) anos.

Após percorrermos a história da Lagoinha e conhecermos um pouco de sua situação atual, passemos à discussão sobre a situação de isolamento do bairro desde sua gênese, com a existência de cemitério e de sua conformação em área lindeira à do trem. Ao longo do tempo esse cenário vem assumindo contornos cada vez mais complexos por conta das intervenções urbanas para o trânsito – construção de elevados, delegacia, abertura e ampliação de avenidas. É pertinente ressaltar que o cemitério referenciado está localizado no bairro ao lado, o Bonfim, mas, diante da proximidade física, da história e das características sociais e econômicas, esse se torna parte do bairro Lagoinha, de acordo com o que se pode aferir com a investigação.

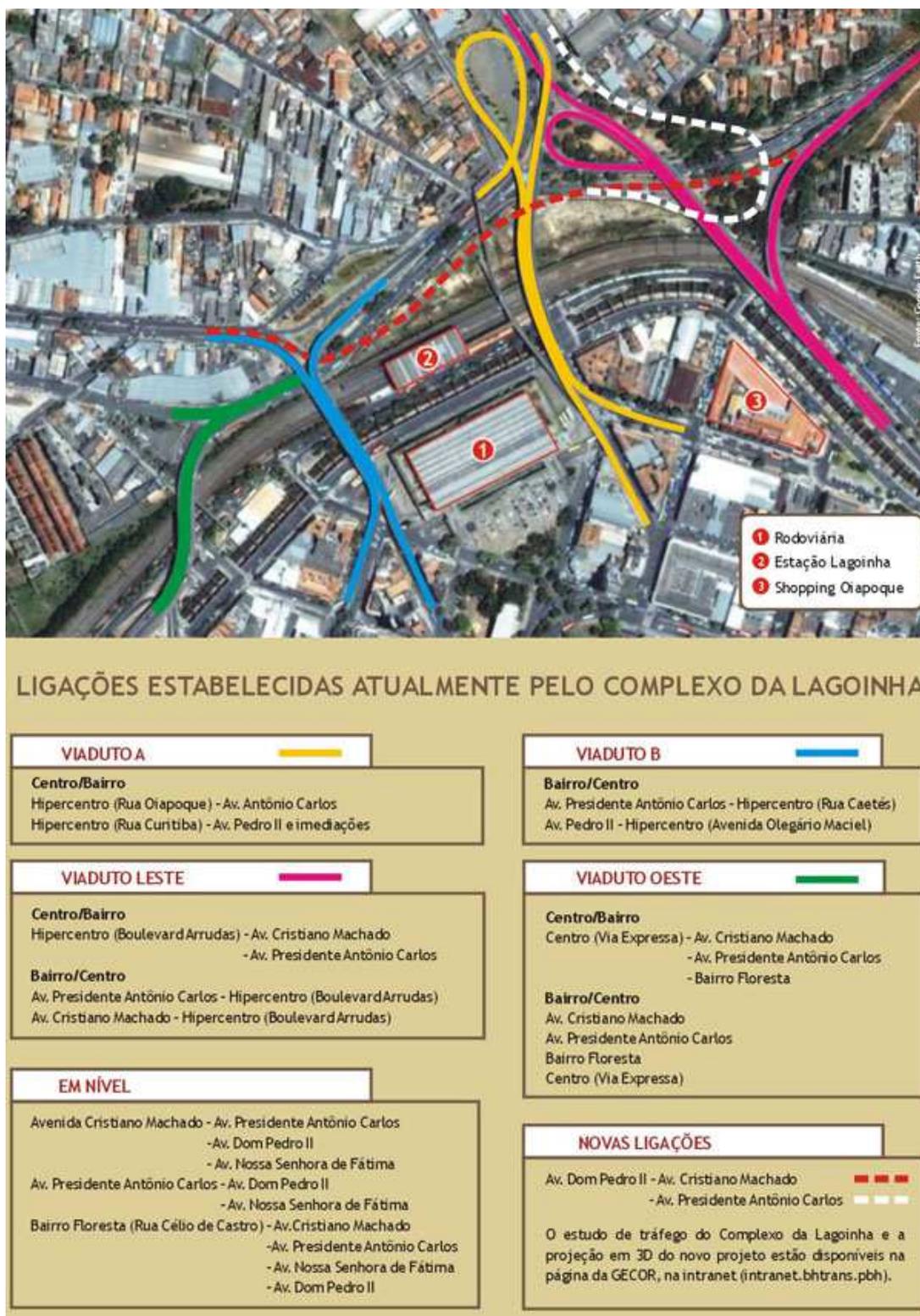
### **O isolamento: viadutos, linha do trem, cemitério, avenidas e delegacia**

O bairro, ao longo do tempo, foi passando por transformações urbanas que o colocaram em posição de isolamento em relação à cidade. A abertura das Avenidas Pedro II e Antônio Carlos, a construção dos elevados, a proximidade com a linha férrea, o Ribeirão Arrudas e a Avenida do Contorno foram determinantes para tal afastamento. E mesmo o fato de existir no entorno um cemitério – o do Bonfim – contribui para que haja preconceito de alguns.

A análise de sua condição nos evoca uma sensação ambivalente e, aparentemente, paradoxal de proximidade e distância, próxima do centro, mas, ao mesmo tempo, distante, pela dificuldade de acesso. O conjunto de vias, elevados e túnel foi construído na porção sul da região da Lagoinha, no espaço outrora ocupado pela

chamada Praça Vaz de Melo, adjacente ao Ribeirão Arrudas e à margem da atual estação do metrô. O complexo da Lagoinha é composto hoje por quatro viadutos que interligam o centro e as regiões Leste e Oeste às Avenidas Cristiano Machado, Antônio Carlos e Pedro II: são os viadutos A, B, Leste e Oeste e o Túnel Lagoinha-Concórdia, com o intuito de ligar as zonas sul, leste, oeste e norte da cidade. Foi concluída a obra de duas ligações às Avenidas Cristiano Machado e Pedro II, conforme pode ser observado no mapa do complexo viário da Lagoinha feito pela Empresa de Transporte e Trânsito de Belo Horizonte (BHTRANS).

Figura 3: Mapa do complexo viário



Fonte: PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2009.

Com as intervenções urbanas a cada dez anos, o bairro vem perdendo espaço. Com isso ele vem sofrendo um processo de esvaziamento, de envelhecimento e de ausência de renovação. Ou seja, as famílias tradicionais que antes o habitavam procuraram outros lugares na cidade e os filhos de antigos moradores, por sua vez, também buscam outros locais de moradia. A população está envelhecendo e não há sinais de renovação, embora ainda possamos encontrar famílias tradicionais idosas e familiares dessas.

A Lagoinha é um bairro antigo, que tem uma produção simbólica significativa sobre o que ele representou para a história e memória de Belo Horizonte, mas, na verdade, tanto as intervenções do poder público quanto dos próprios moradores não correspondem a esse peso que lhes é dado. É como se houvesse um “descolamento” entre uma representação do bairro e uma prática social que difere disso, tanto do ponto de vista da municipalidade quanto dos moradores. Embora haja reconhecimento tácito como patrimônio, seus moradores não se articulam para pleitear melhorias para o bairro.

A Lagoinha, desde a sua conformação, possui característica de bairro isolado. Antes, era uma região pantanosa, isolada naturalmente pela existência do Ribeirão Arrudas e entrecortada pela linha do trem.

Em primeiro lugar, há uma dicotomia entre antes e depois da linha do trem, que demarca uma série de transformações na paisagem e em sua relação com o centro e até mesmo nas relações sociais entre moradores do bairro com os demais. O centro, do lado de lá da linha férrea, recebe uma série de melhorias em seu tecido urbano. Sua centralidade requer um discurso de cidade moderna, bela, limpa e organizada, onde são recebidas as maiores fatias dos investimentos públicos e os melhores equipamentos. Já o bairro operário, do outro lado, cai no esquecimento, em termos de infraestrutura e benfeitorias. Lá estão os tipos de estabelecimento que o centro não comporta. Desse lado, são realizadas demolições para que o progresso possa transpor a linha férrea, nem que para isso seja preciso desapropriar casas e significados.

A Lagoinha, ao mesmo tempo em que se constituiu como bairro residencial, abriga estabelecimentos ditos como não qualificados, como ferros-velhos, brechós e oficinas mecânicas. Além disso, a população de rua e a delegacia são motivos de reclamação dos moradores, que se sentem abandonados e dizem que o bairro tem sido transformado em depósito de lixo (pela existência dos galpões de material reciclável), o que deprecia sua imagem. A delegacia, que passou de delegacia especializada para um Centro de Remanejamento de Presos (CERESP), é uma espécie de depósito de presos,

como é referenciado popularmente. Ou seja, a capacidade de ocupação da mesma é maior e, conseqüentemente, gera questões mais complexas.

A ideia de cidade dividida entre “antes e depois” da estrada de ferro desenha uma realidade no espaço social, constituindo duas paisagens isoladas – uma paisagem de poder (centro) contra outra vernacular (bairro) –, que Silvana Rubino (2006) coloca para o caso de Campinas e que pode ser comparado com o bairro Lagoinha – espaço segregado – e o centro de Belo Horizonte. Essa noção de paisagem não é simplesmente uma demarcação física e geográfica, como nos diz Sharon Zukin, mas “[...] seus ritmos e modos de vida”. (ZUKIN apud RUBINO, 2006, p.73). Além das transformações na paisagem, as pessoas se vêem obrigadas a transpor novas barreiras, sociais, culturais e econômicas, impondo um ritmo de vida diferente e instituído pela dinâmica do centro da cidade.

Antes de chegar ao bairro, é necessário cruzar as barreiras materializadas pela linha férrea e o Ribeirão Arrudas, que foram acrescidas de um grande complexo viário, o túnel e viaduto da Lagoinha, que ligam ao bairro Cidade Nova, e a alça das avenidas Antônio Carlos e Pedro II.

No dizer de Villaça (2001), quanto mais central a área, mais trabalho existe em prol da produção de sua centralidade, do valor de uso e do valor de troca. Já os terrenos da região periférica dependem menos trabalho social atrelado à sua produção. Esses últimos estão, então, fadados ao descaso. Embora hoje o bairro esteja em situação de abandono, outrora ele significou muito, em termos de região de comércio para a capital, e desempenhou o papel de subcentro do centro principal. Mesmo que a Lagoinha tenha perdido em significado, ela já ocupava uma posição coadjuvante.

Os principais centros das metrópoles brasileiras, até por volta da década de 1960, não atraíam como consumidoras as classes populares socioeconômicas, ficando esses centros limitados à burguesia. Bairros como o Brás, em São Paulo, e o Lagoinha, em Belo Horizonte, tiveram a função de subcentro dessas metrópoles, com o intuito de atender a essa crescente demanda. O bairro Lagoinha exerceu a função de subcentro até por volta da década de 1970, e, como mencionado anteriormente, mantinha um comércio variado de móveis usados e de antiguidades, ofícios, como o de alfaiate, que subsiste até hoje – o Sr. Vincenzo Rocco, de 84 anos, exerce a função modestamente nos dias atuais, em sua residência –, oficina de *luthier*, sapateiro, entre outros.

Com as transformações e o crescimento dos centros principais, esses subcentros sofreram um esvaziamento, sobretudo no caso da Lagoinha, pelas obras viárias no local,

que proporcionaram uma dicotomia: proximidade e distância do centro. Proximidade em termos geográficos e distância em sua realidade socioeconômica. Essa dicotomia, na verdade, sempre existiu, mas parece que, com a dinâmica urbana, tais mudanças tendem a exacerbá-la.

Para Villaça (2001), esse esvaziamento poderia ter sido contornado com a expansão desse comércio para áreas contíguas ao bairro. No caso da Lagoinha, os comerciantes da época não se preocupavam com a possível expansão dos negócios, muito por sua tipologia e ofícios. Muitos, até por volta da década de 1990, ainda mantinham o modesto comércio. Hoje, a maioria deles faleceu ou não está mais em condição de trabalho pela idade avançada ou por condições de saúde. Foi observado, também, que essa atividade singular – comércio de móveis usados, antiquário, conserto de roupas –, na região da Lagoinha, não é do tipo que passa de pai para filho, porque os filhos desses antigos habitantes vivem em outras regiões da cidade. Portanto, muitas atividades estão deixando de existir no bairro, salvo poucos antiquários, atraídos pela fama do lugar ou por vínculo afetivo.

A discussão de Bourdieu (1997), em seu trabalho intitulado *Efeitos de Lugar*, nos dá pistas para compreender o sentido de hierarquização do espaço. O espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se cumpre sob a forma mais sutil, o da violência simbólica como violência despercebida. Os ganhos do espaço podem assumir a forma de ganhos de localização, eles mesmos suscetíveis de serem pensados em duas classes: as rendas que são associadas ao fato de estarem localizadas perto de bens raros e cobiçados, tais como os equipamentos culturais, educacionais ou de saúde; do outro lado, estão os ganhos de posição ou de classe, como os que são garantidos por um endereço de prestígio – a exemplo de determinado bairro luxuoso que se almeja morar, por exemplo. As distâncias físicas podem ser medidas, segundo uma métrica espacial ou temporal, na medida em que os deslocamentos se tornam mais ou menos longos dependendo das possibilidades de acesso – meio de transporte público e ou privado. Eles ainda podem assumir a forma de ganhos de ocupação ou de acumulação – traduzida por grandes parques, amplos apartamentos e/ou casas. A posse de espaços físicos pode ser uma forma de manter à distância ou de excluir toda intrusão indesejável.

Milton Santos, numa abordagem sobre localização e acessibilidade, partilha dessa concepção, dizendo que “[...] o homem vale pelo lugar onde está”, o seu valor como produtor, consumidor e cidadão depende de sua posição no território. Tal valor

modifica-se em função de sua possibilidade de acesso aos lugares, em uma relação entre preço, tempo e frequência. (SANTOS apud VILLAÇA, 2001, p.200; SANTOS, 2002). A capacidade de influenciar o espaço, apropriando-se material ou simbolicamente de bens públicos ou privados que se encontram distribuídos, depende do capital que se possui.

Nesse sentido, o modo de experimentar ou de apropriar-se de um lugar varia de acordo com a disponibilidade de cada indivíduo, ou seja, o preço influencia nos modos de consumo e produção e interfere no tempo e na frequência a esses espaços. Em vista disso, o bairro Lagoinha, por se localizar em área suburbana e por possuir as singularidades anteriormente citadas, foi e continua sendo alvo de adjetivos menos valorativos em relação a outros lugares da cidade, especialmente do ponto de vista mercadológico, mas persiste enquanto lugar, isto é, se refere à segurança e à afetividade que depositamos no espaço em que vivemos: é o nosso lar, a rua, o bairro. É o sentir-se pertencente a um determinado grupo.

De fato, as fragilidades do bairro perpassam essa noção de localização apresentada por Santos. No entanto, essa é uma característica das cidades brasileiras, não só do bairro Lagoinha. Tais fragilidades peculiares ao bairro, logo de início causam uma depreciação do lugar. Como em muitas outras cidades, que iniciaram seu processo de ocupação próximo à linha férrea, nessas localidades são encontrados os lugares mais antigos, que tendem a ter um traçado menos regular e desordenado, e, sobretudo, são as áreas mais degradadas. Por outro lado, bairros belorizontinos tão antigos quanto a Lagoinha, como o Carlos Prates, o Prado, o Calafate, o Floresta e o Santa Tereza, também foram conformados fora dos limites da Avenida do Contorno e em área suburbana. Os dois últimos tiveram e ainda mantêm características de bairros boêmios, no entanto, evoluíram de maneira mais próspera e não são tão emblemáticos do ponto de vista do estigma e do preconceito engendrado no bairro Lagoinha. Nos bairros Floresta e Santa Tereza, a boemia é vista como positiva, confere ao lugar uma atmosfera de efervescência cultural.

A cidade oficial “tradicional” a que nós recorremos, e que é mencionada frequentemente, é um espaço geralmente planejado e ordenado. Trata-se de espaço de isolamento do mundo profano por meio de suas “muralhas” (TUAN, 1980). As muralhas, nesse sentido, evocando o bairro Lagoinha, referem-se ao limite da linha férrea, ao Ribeirão Arrudas e aos limites da Avenida do Contorno, que dividia a cidade planejada em duas áreas: a urbana e a suburbana.

Do lado de lá, contudo, existem relações duradouras, sentimento de pertencimento e afetividade que conferem ao bairro uma atmosfera de lugar, um jeito de viver simples, mas que, sobretudo, busca resistir em meio às transformações urbanas, impostas pelo crescimento das cidades.

A Avenida do Contorno pode ser interpretada como uma barreira simbólica que, ao longo do tempo, vem sendo (re)significada. (BARROS, 2001). Embora de fácil transposição, as barreiras se formam subjetivamente com o ritmo frenético da metrópole, que estabelece os usos dos lugares e os transforma em “não lugares”, no sentido atribuído por Augé (1994). Esse artigo “lugar” – como assinala Barros (2001), em seu estudo sobre a Avenida do Contorno, ao referenciar as experiências de moradores que vivenciaram seus velhos tempos – vem se constituindo em local de trânsito. Originalmente criada para separar a cidade em duas áreas distintas, cumpre sua função de corredor de passagem, aparentemente inócuo, mas que anuncia a emergência de novos tempos: os tempos da efemeridade e da circulação que a aceleração do tempo nos impõe<sup>7</sup>.

### **Considerações finais**

Parece que o morador da Lagoinha se tornou um migrante urbano, empurrado de um lugar para outro pelas obras constantes, tendo lascas do seu espaço retirado daqui e dali para permitir o fluxo dos carros. O conjunto de elevados e a recente obra de alargamento da Avenida Antônio Carlos trouxeram para o bairro a dificuldade de diálogo com outros espaços da cidade, sobretudo, com o outro lado dessa mesma avenida – ala da Rua Diamantina – que também faz parte da Lagoinha. No decorrer da pesquisa, certo morador ressaltou que o bairro é referenciado quase sempre por seu complexo viário, mas são esquecidos os “complexados”, ou seja, os moradores.

As presenças do cemitério, da favela e da delegacia permanecem como fatores negativos e de isolamento da Lagoinha, pois a tendência é a negação desses lugares considerados estigmatizantes, sobretudo, a favela, que o torna um local muitas vezes inviável, devido à violência. Por outro lado, há a permanência da tradição religiosa e

---

<sup>7</sup> O não lugar, no sentido de Augé, se refere a um espaço de trânsito onde as relações são fugidias. “Um espaço que não pode se definir nem como identitário nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar.” (AUGÉ, 1994, p. 73). É importante ressaltar que o autor também deixa claro que os lugares e não lugares não existem em estado puro, ou seja, o lugar nunca é completamente apagado, assim como o não lugar nunca se realiza em sua totalidade como lugar.

influência irrefutável da Igreja Nossa Senhora da Conceição, nos modos de vida e na dinâmica do bairro.

Os limites do bairro tendem a uma elasticidade, de acordo com a percepção de seus moradores, da frequência e intensidade de sua experiência com ele. Antigamente, a Lagoinha era conhecida como “região” da Lagoinha, numa referência aos bairros vizinhos, tais como o Carlos Prates, o São Cristóvão, Santo André e o Bonfim. Com as intervenções urbanas, o bairro perdeu grande parte do seu espaço, em nome do fluir do trânsito em função do crescimento da cidade. Ele é próximo do centro e, ao mesmo tempo, distante, pela dificuldade de acesso que os elevados impõem.

De certa forma, as barreiras encontradas na lei, por conta de sua topografia acidentada e outras restrições, fazem com que o bairro seja preterido, em função de melhorias empreendidas na cidade, do outro lado da linha do trem, dos elevados e avenidas que o isolam dos demais lugares.

Contudo, permanece o sentimento de pertencimento ao lugar e afetividade de bairro importante para a história e memória de Belo Horizonte, em que se misturam, ambigualmente: tradição e transgressão; progresso e estagnação; permanências e mudanças.

### **Abstract**

This article analyze the neighbourhood of Lagoinha, located in the surroundings of Belo Horizonte's city centre. The aim was discuss a process of isolation that the neighbourhood has assumed over time, a dichotomy closeness and distance, near the centre, but at the same time far by the difficulty of access. The hypothesis is that in the process of forming, in an area near the railway line, it was constituted as an attractive, in other, a negative relationship where the total number of interventions that isolated from the rest of the city. For this was a qualitative research in which, at first, I conducted interviews with residents, and a second phase, questionnaires were applied. As a starting point, will look at the history of the neighborhood bringing their dynamic and changes. Then, will discuss the situation arising out of isolation of urban interventions that that suppress their spaces and engender complex social issues for its residents, and other factors that contributed to such isolation, such as the existence of the cemetery, the Ribeirão Arrudas, police and avenues.

**Key Words:** Neighbourhood Lagoinha; railway line; urban interventions; isolation and ways of life.

## Referências

AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues de. **Vastos subúrbios da nova capital**: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte. 2006. 445f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. Estilos de vida nos condomínios residenciais fechados. In: FRÚGOLI, Heitor Jr.; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Areas (Org.). **As cidades e seus agentes**: práticas e representações. Belo Horizonte: Edusp, 2006. p. 305-329.

ANDRADE, Luciana Teixeira de; MENDONÇA, Jupira Gomes. Estudos de bairros: construindo uma metodologia qualitativa com suporte quantitativo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31, 2007, Caxambu. **Anais...Caxambu**, 2007. p. 1-23.

ATLAS de Desenvolvimento Humano. **Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. 1999-2000.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte**: memória histórica e descritiva. Volume 2: história média. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.

BARROS, José Márcio. Cidade e identidade: a Avenida do Contorno em Belo Horizonte. In: MEDEIROS, Regina; BARROS, José Márcio (Org.). **Permanências e mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 19-48.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre et al. **A miséria do mundo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 159-166.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORDEIRO, Graça Índias. Territórios e identidades sobre escalas de organização sócio-espacial num bairro de Lisboa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 1-15, 2001.

CORDEIRO, Graça Índias. **Um lugar na cidade**: cotidiano, memória e representação do bairro da Bica. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

CORRÊA, Luiz Otávio. **Clube da esquina em Belo Horizonte**: romantismo revolucionário em uma cidade de formação ambígua. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Belo Horizonte.

COSTA, António Firmino da. **Sociedade de Bairro**: dinâmicas sociais da identidade cultural. Oeiras: Celta. 1999.

DESENVOLVIMENTO humano e condições de vida: indicadores para a região metropolitana de Belo Horizonte: 1980-1991. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Rio de Janeiro: IPEA, 1998. 80p.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Escola de Governo de Minas Gerais. **Gestão do espaço metropolitano**: homogeneidade e desigualdade na RMBH – SHA – 62904: relatório final; v.1. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/FAPEMIG, 2007. p. 5-310.

FREIRE, Cíntia Mirlene Pela. **Cotidiano, memória e identidade**: o Bairro Lagoinha (Belo Horizonte, MG) na voz dos seus moradores. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belo Horizonte.

GONZAGA, Cláudia Mattos Ferreira. **A região da Lagoinha**: um espaço natimorto? 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2000**: agregados de setores censitários dos resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

KAMEL, Roberto Chafik Abu. **Gestão Municipal e o processo de organização do espaço urbano da cidade de Belo Horizonte (1894-1960)**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2007.

LEMONS, Celina Borges. A Lagoinha e suas imagens: a refiguração do seu presente. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, n. 4, p. 121-160, maio 1996.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 51-110.

MACHADO, Heloisa Guaracy; PEREIRA, Maria de Lourdes Dolabela L. A recuperação da Lagoinha dentro de uma nova concepção política urbana. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v.2, n. 3, p. 36-49, out. 1997.

MEDEIROS, Regina. O Bonfim da prostituição: a presença ambivalente do outro. In: MEDEIROS, Regina (Org.). **Permanências e mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 49-112.

MENEZES, Marlucci. **Mouraria, retalhos de um imaginário**: significados urbanos de um bairro de Lisboa. Oeiras: Celta, 2004.

MORAES, F. B De; GOULART, M. G. As dinâmicas da reabilitação urbana: impactos do projeto Lagoinha. **Cadernos de arquitetura e urbanismo**, Belo Horizonte, v.9, n. 10, p. 51-71, dez. 2002.

PANORAMA de Belo Horizonte: **Atlas histórico**: Belo Horizonte. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais. Belo Horizonte, 1997.

PEDERSOLI, Aurora. **Uma conceituação de recuperação urbana para o bairro da Lagoinha**. 1992. Monografia (Especialização em Urbanismo). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Mensagem apresentada pelo Prefeito Christiano Monteiro Machado ao Conselho Deliberativo de Belo Horizonte em 6 de outubro de 1927 e relatórios anexos**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1927.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado aos Membros do Conselho Deliberativo da Capital pelo Prefeito Affonso Vaz de Melo em 1918**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1918.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado aos membros do Conselho Deliberativo da cidade de Belo Horizonte pelo Prefeito Cornélio Vaz de Mello em setembro de 1919**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1919.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado aos Membros do Conselho Deliberativo da Capital pelo Prefeito Dr. Affonso Vaz de Mello em setembro de 1919**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1919.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Plano diretor de Belo Horizonte**: Lei de uso e ocupação do solo – estudos básicos, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Plano Diretor e lei de parcelamento e uso do solo**. Belo Horizonte. 1996. Disponível em: <[www.pbh.gov.br](http://www.pbh.gov.br)> Acesso em: 22 maio 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo pelo Prefeito Flávio Fernandes dos Santos em 1922**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1922.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo pelo Prefeito Flávio Fernandes dos Santos**: setembro de 1923. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **Mapa do complexo viário**. Empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte S/A – BHTRANS. Disponível em: <[www.bhtrans.pbh.gov.br](http://www.bhtrans.pbh.gov.br)>. Acesso em: 02 maio 2009.

RAMOS, Aluísio Wellichan. Cotidiano, espaço e tempo de um antigo bairro paulistano: Transformações da cidade e a dimensão do vivido. **GEOUSP** – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 15, p. 77-103, 2004.

RUBINO, S. Os dois lados da linha do trem: história urbana e intervenções contemporâneas em Campinas, SP. In: FRÚGOLI JR, Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Areas (Org.). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. São Paulo: EDUSP 2006, p. 68-97.

RUGANI, Jurema Marteleto. **Reabilitação de áreas urbanas em processo de deterioração**: uma reflexão sobre o projeto Lagoinha. 1996. Monografia (Especialização em Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad.: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001. p. 225-310.